

A LITERATURA DE CORDEL EM SALA DA AULA: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO NORDESTINO À LUZ DA PRAGMÁTICA

AUTOR: Josias Silvano de Barros
barrosjosias@yahoo.com.br
PPFP/UEPB

COAUTORA: Dra. Daniela G. A. Nóbrega
gomesnobrega@hotmail.com
PPFP/UEPB

INTRODUÇÃO

Trabalhar com a literatura de cordel numa perspectiva pedagógica é uma tarefa que requer algumas especificidades. É válido destacar, seguindo a ótica de Marinho & Pinheiro (2012), a empatia que os sujeitos precisam ter para com este veículo de resistência de cultura popular, para poder apreender sentidos e não somente interpretar os versos de modo superficial diante de rimas poéticas. E isso vai nos permitir tecer olhares e análises, à luz da pragmática.

Considerando que, na ótica de Levinson (2007), a pragmática leva em consideração o contexto dentro do qual a comunicação é efetivada – o que faz com que haja inferências na compreensão do enunciado para se poder entender o contexto –, o campo da pragmática nos foi útil para captar a denotação entre o significado proposicional emitido pelo sentido da semântica na composição do enunciado (versos de cordel) e o significado visado por um falante (cordelista) numa dada enunciação (sobre o homem nordestino).

A pragmática é uma ciência que trata da relação dos signos com os intérpretes: esta é a definição primitiva da pragmática. Morris esclarece: uma vez que a maioria dos signos tem por intérpretes organismos vivos, pode-se caracterizar perfeitamente a pragmática dizendo que ela trata de fenômenos psicológicos, biológicos e sociológicos vinculados ao funcionamento dos signos (ARMENGAUD, 2006, p. 48).

A escolha do campo da pesquisa não foi aleatória. Justifica-se pelo fato que os estudos da pragmática nos serão úteis para compreender o contexto dos atores (alunos), para haver coerência na construção da nossa sequência didática. Ou seja: conjugar os discursos, de forma a manter a expectativa de conteúdo de acordo com

a situação em que o contexto é usado, já que propomos um trabalho cuja prática pedagógica será mediada pela literatura de cordel de forma que os sujeitos (alunos) se reconheçam enquanto construtores de cultura.

A partir do contexto apresentado, consideramos como objetivo verificar que concepções os alunos têm em relação ao discurso apresentado pelos cordéis, a partir da análise da figura do homem nordestino nos folhetos de cordel.

METODOLOGIA

Nosso trabalho foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João Ribeiro, em Gurinhém-PB. Como sujeitos da nossa pesquisa, tivemos uma turma de 20 (vinte) alunos da 1ª série do ensino médio, turno matutino. A pesquisa foi materializada nas aulas de Geografia, no mês de junho de 2014. Trabalhamos com a análise representativa do homem nordestino a partir de dois cordéis: “O Jeca tatu de Monteiro Lobato”, Monteiro (2011), e “O massacre do sítio caldeirão”, de Braga (2010). Nosso instrumento de coleta de dados foi o questionário aberto, o qual foi distribuído aos alunos para ser respondido individualmente. Mas antes, realizamos uma leitura prévia das questões elencadas a fim de dirimir quaisquer dúvidas sobre as abordagens do que lhes foi solicitado.

O questionário foi composto por duas (2) questões abertas, relacionadas com o contexto da literatura de cordel. As questões envolveram os seguintes aspectos: como está representada a figura do homem nordestino nas narrativas de cordel; e se a figura descrita em tais narrativas lhes representa enquanto sujeitos nordestinos. Ressaltamos que a identidade dos alunos foi preservada. Utilizamos números para representá-los dentro do discurso textual (exemplo: Aluno 1, 2, etc.).

O processo de análise e interpretação dos dados coletados desta pesquisa se vinculou a procedimentos da técnica de *análise de conteúdo* que, segundo Moraes (1999), busca identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema, percebendo as matrizes informativas que surgem no interior das declarações.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Fios trazidos pelas falas dos 20 alunos pesquisados, diante da análise de trechos de dois folhetos de cordel, de Monteiro (2011) e de Braga (2010), nos

possibilitaram realizar e trazer, aqui, as análises extraídas das perguntas contidas no questionário. Cabe, nesse momento, ressaltarmos que os depoimentos foram selecionados de acordo com a pertinência que representaram para o desenvolvimento do estudo. Para uma maior compreensão do contexto, a gramática textual segue à original do questionário das respostas dos alunos.

Indagados sobre como a figura do homem nordestino está retratada no cordel, os sujeitos pesquisados assim se expressaram:

*Aluno 1 – um pouco **típico da roça**, que em todos os lugares matem a mesma postura, os mesmos costumes, **um povo que não contém boas informações sobre os acontecimentos**, nem sempre sabem o que realmente houve. Um homem que herda suas origens, independente de tudo, não nega ser quem é.*

*Aluno 2 – Está retratada como um homem **simples da fazenda**, de muita fé e simpatia, que mesmo com a pobreza não perde a alegria.*

*Aluno 3 – O nordestino é tratado de uma maneira **sofredora** e muito religiosa, todavia também é representado como um “homem” grosso, **ignorante e mal informado**.*

*Aluno 4 – Retrata um homem que tem hábitos **estranhos**. Homem diferente de qualquer outro, **desinformado** e sem preocupação de saber se **o que estão lhe falando é verídico**.*

Nos depoimentos, observamos que os alunos, com frequência, associam a imagem do homem nordestino a um sujeito da zona rural e de pouca informação. Termos como: típico da roça, simples da fazenda, matuto, estranho, pessoas do interior, entre outros, nos remetem a uma ideia estereotipada do homem do campo. Isso nos leva a inferir que as falas dos respondentes se reportam a temas como identidade cultural do sujeito, representações sociais, influência midiática que circundam as discussões em torno dos estigmas regionais. Portanto, verificamos que o modo pelo qual os alunos interpretam os versos cordelinos é característico de um modelo cultural urbanizado. Todavia, “determinar quais dentre os aspectos físicos, sociais e interacionais brutos da situação da enunciação são linguisticamente relevantes, portanto, é uma questão empírica” (LEVINSON, 2007, p. 12).

Neste momento, indagados sobre a outra questão da pesquisa (se a figura descrita nas narrativas lhe representa enquanto sujeito nordestino), poderemos

identificar, por meio da linguagem escrita, se os alunos se sentem, ou não, representados nos versos de cordel, e mesmo verificar o porquê das suas interpretações. Cabe pontuar que esse item abriu espaço para assinalar os seguintes dados: de 20 alunos, apenas três se sentem representados nas narrativas. Ou seja: a maior parte dos sujeitos da pesquisa não se sente representada pela descrição da imagem do nordestino. Nesta construção de sentido, acreditamos que os relatos de vivência, experiência e leitura de realidade que os alunos têm, foram os principais agentes influenciadores em suas interpretações. Vejamos:

*Aluno 5 – a figura descrita **não** me representa. Isso é o jeito que as pessoas nos veem, em outros estados. Mas existem pessoas assim, mas não são todas.*

*Aluno 6 – **Não**, eu **não** me vejo como alguém que é semelhante a este homem nordestino. Gosto de analisar as informações que as pessoas me passam.*

*Aluno 7 – **Não**, me considero muito bem educada e informada.*

*Aluno 8 – **Sim**, por que é a nossa vida, nossa cultura, pois conta como é a vida de muitos nordestinos que passa por problemas mas nunca perdem a sua alegria.*

A partir da amostra das falas extraídas, percebemos que um dos aspectos que faz com que os alunos se sintam distanciados da imagem do nordestino contida no cordel é a pouca informação que tais sujeitos carregam. Ao mesmo tempo em que os alunos abordam uma questão bastante significativa no contexto da contemporaneidade: os preconceitos regionais.

À luz de tais posicionamentos, concordamos com Thompson (1995), quando ele evidencia que a produção de sentidos corresponde à fase de reelaboração das mensagens recebidas se dão a partir das condições concretas de vida, de seus próprios referenciais e de sua relação com o contexto macrossocial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa esfera mais ampla, consideramos que nesta sociedade midiaticizada, a cultura popular passa a receber novas configurações. E, parafraseando Canclini (2008), os grupos populares saem pouco de seus espaços, periféricos ou centrais; os setores médios e altos multiplicam as grades nas janelas, fecham e privatizam ruas do bairro. Portanto, num âmbito mais próximo, o cordel precisa ser

compreendido dentro do espaço escolar, pois, de acordo com Evaristo (2001), constitui-se, sim, um recurso significativo no processo educacional, fato verificado diante do modo pelo qual os alunos fizeram a leitura do cordel, dando brechas para se constituir uma aula reflexiva frente ao papel do contexto no contemporâneo.

Em tempos hodiernos, o cordel se apresenta com um novo formato de comunicação, pois chegou ao ciberespaço configurando um novo leitor (interlocutor), e adquiriu uma nova carga simbólica de representação social (os sujeitos urbanizados) que apresentam modelos culturais plurais mediante as características particulares do contexto que se inserem. Portanto, habilitar as competências dos jovens e educá-los para se compreenderem dentro de uma perspectiva crítica é despertar a capacidade de refletir sobre os diversos modelos culturais que influenciam o comportamento do sujeito.

REFERÊNCIAS

ARMENGAUD, Françoise. **A Pragmática**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

BRAGA, Medeiros. **O Massacre do Sítio Caldeirão**. Mossoró/RN: Queima Ducha, 2010. (Cordel).

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 2008.

EVARISTO Marcela Cristina. **O cordel em sala de aula**. *IN*: BRANDÃO, Helena Nagamini. (Coordenadora). Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LEVINSON, C. Stephen. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo Cortez, 2012.

MONTEIRO, Manoel. **O Jeca tatu de Monteiro Lobato**. Campina Grande/PB, 2011. (Cordel).

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.